

PERCEPÇÕES DE JOVENS QUE CUMPRIRAM MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE SOBRE A ESCOLA

PERCEPTIONS OF YOUNG PEOPLE UNDER SOCIO-BEHAVIORAL MEASURES IN A JUVENILE DETENTION CENTER ABOUT THE SCHOOL

Israel Kujawa¹, Fernando Santos Custódio², Taimara Foresti³,
Naiane Dapieve Patias⁴, Cláudia Helena Paim Furlanetto⁵

RECEBIDO: 24/04/18 | ACEITE: 07/08/18

DOI: 10.5902/2317175832332

RESUMO

O artigo tem como objetivo compreender as percepções de jovens que cumpriram medidas socioeducativas, em privação de liberdade, sobre a escola. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo e exploratório. Participaram do estudo três jovens, do sexo masculino, entre 24 e 27 anos, que cumpriram medidas socioeducativas em privação de liberdade. Foi utilizado, como instrumento de coleta de dados, uma entrevista semiestruturada a qual continha questões sobre a escola, as relações que se estabelecem no contexto escolar, bem como as percepções sobre a escola após a privação de liberdade. Após análise de conteúdo, três categorias emergiram dos dados, a saber: (a) Percepção do jovem sobre a escola antes da medida socioeducativa, (b) Como o jovem percebe à escola durante a medida socioeducativa e por fim (c) A escola na socioeducação. Os resultados mostraram que a escola tem alcançado seu objetivo na socioeducação, quando consegue fazer com que o jovem possa refletir e almejar um futuro diferente do passado que lhe trouxe até a internação.

Palavras-chave: Escola; Sentidos; Socioeducação.

¹Pós-Doutor em Psicologia na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto -(FP-CEUP). Possui graduação em Filosofia (UPF-RS, 1992), especialização em Filosofia Contemporânea (PUC-MG, 1995), em Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Estrangeira (UPF-RS, 2000), mestrado em Educação (UPF-RS, 2007) e doutorado em Psicologia (UFRGS, 2016).

²Graduado em Psicologia na Faculdade meridional (IMED), Passo Fundo-RS. Membro do Grupo de Membro do Projeto de Pesquisa e de extensão sobre as intervenções da psicologia na socioeducação.

³Mestranda em Psicologia pelo Instituto Meridional (IMED), Pós Graduada em Psicologia Jurídica pelo Instituto Meridional (IMED), Bacharel em Psicologia pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Atualmente participa em projetos de pesquisa na área de Organizações Avaliação e Intervenções Psicossociais.

⁴Possui graduação em Psicologia (2009) pelo Centro Universitário Franciscano (UNIFRA) e Graduação em Formação de Professores para a Educação Profissional (2012) pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). É especialista em Criança e Adolescente em situação de risco (2011) (UNIFRA) e em Gestão em Psicologia Escolar (Faculdade Monteiro Lobato - FATO) (2016). Possui Mestrado em Psicologia (2012) pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Doutorado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

⁵ Mestra em Engenharia na área de Infraestrutura e Meio Ambiente, (UPF). Articuladora do ADE Norte Gaúcho; Coordenadora das Coordenadorias de Direito e Cidadania da Prefeitura de Passo Fundo; Docente na disciplina de Libras com Ênfase em Direitos Humanos na IMED; Membro do Laboratório de Ciência e Inovação para a Educação na IMED.

ABSTRACT

This study aims to understand the perceptions of young people, who underwent a socio-behavioral program in a juvenile detention center, about the school. This is a qualitative and exploratory research. Three male young people between 24 and 27 years old, who underwent socio-behavioral measures in a juvenile detention center, participated in this study. Data was collected via a semi-structured interview, which included questions about the school itself, the relationships participants established at school, and their perceptions about the school after the deprivation of liberty. Content analysis suggested three categories: (a) Perception of the young person about the school before the socio-behavioral measure; (b) How the young person perceives the school during the socio-behavioral measure; and (c) The school in socio-education. Results showed that the school has achieved its objective in socio-education, helping the young person reflect on and aim for a future different from the past that brought him to a juvenile detention center.

Keywords: School; Sensation; Socio-education.

1 Introdução

Quando um jovem é o autor de um ato infracional pode-se pensar que podem ter acontecido diversas falhas, em diferentes aspectos da sua vida, seja no âmbito familiar, social ou psicológico. Os pais, cuidadores e sociedade em geral possuem o dever de proteger as crianças e adolescentes, assim como, a ciência psicológica deve assumir seu papel nesse processo, promovendo esta conscientização da importância desses deveres (PATIAS et al., 2013). O Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) dispõe em seu Art. 4º desse mesmo princípio quando diz que a família, a sociedade e o poder público devem proporcionar que toda criança e adolescente tenham seus direitos assegurados como, o direito à vida, saúde, alimentação, educação, esporte, lazer, convivência familiar, comunitária, etc. (BRASIL, 1990). A rede de apoio, simbolizada na família, na escola, na comunidade, no trabalho e instituições em geral, precisam de funcionalidade, caso contrário, os riscos de atos infracionais tendem a não diminuir. Quando há falhas no funcionamento dessa rede e ocorrem atos de confronto com a lei e com o convívio social, se fazem necessárias medidas com o intuito de ressocialização e preservação dos direitos, como é o caso das medidas socioeducativas. No caso de algum ato infracional ser cometido por algum jovem, algumas dessas medidas serão aplicadas, o que pode culminar em sanções como uma advertência verbal até a privação de liberdade (BRASIL, 1990).

Uma das formas de ressocialização ao convívio social pode ser por meio da busca do processo educacional. Cada sujeito possui em si uma multiplicidade de referências (valores) em suas vidas e que permeiam seus comportamentos, por conta disso, ressalta-se a importância da cultura da diversidade, da flexibilidade em relação a esses valores que são confrontados no dia a dia com referenciais rígidos, estáticos, salientando que cada qual possui sua própria história e trajetória, fazendo-se necessário o respeito às individualidades (KUJAWA, 2016).

Em sintonia com esses referenciais, se faz necessário entender a maneira como os adolescentes em conflito com a lei estão recebendo e percebendo a educação, bem como a instituição escola, pois as mesmas podem acontecer de diversas formas. Nesse sentido, o melhor modo de buscar uma compreensão adequada sobre essas percepções é conversando com jovens que já cumpriram medida socioeducativa em regime fechado/privação de liberdade, para que eles próprios tragam essas concepções sobre a escola antes da internação, durante e após a internação. Como pressupostos conceituais para avaliação da escola, se faz necessário relacionar as características institucionais, identificando a transição entre comportamento disciplinado, tematizado por Foucault (1991) e o comportamento controlado da micropolítica, formulado por Deleuze e Guattari (1997). Nessa transição, o modelo de funcionamento social foi deslocado do controle disciplinar dos corpos, foi substituído por múltiplas geografias imateriais de informações.

Nesse contexto de conflitos e rejeições e confrontos com a escola e com a lei, as relações entre o comportamento social vinculado com a rede de instituições existentes e o funcionamento da escola devem ser percebidas e compreendidas. A proximidade e os vínculos na relação educador, educando e escola, na construção da autoestima, na escuta e a valorização dos saberes que os jovens trazem, podem se apresentar como alternativas para uma prática pedagógica significativa (BAQUERO *et al.*, 2008).

Em outra instância de atuação, mas em sintonia com a necessidade de ressignificar e atualizar o funcionamento da escola, está a política pública da socioeducação. O conceito de socioeducação nasce com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que é um importante marco legal e regulatório dos direitos humanos das crianças e dos adolescentes, instituído pela lei nº 8.069 em julho de 1990 (RANIERE, 2014). Porém, no referido estatuto, não há nenhuma formulação teórica sobre o conceito de socioeducação, apenas em expressões como programa socioeducativo e medida socioeducativa. A socioeducação tem por objetivo construir junto aos adolescentes e jovens novos conceitos de vida, buscando restabelecer os princípios éticos da sociedade. A concretização desse objetivo, demanda um funcionamento adequado da rede de instituições sociais, a qual a escola deve estar integrada.

Um grande avanço na esfera normativa foi a promulgação da lei 12.594, no ano de 2012, instituindo o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE). Estruturado no âmbito do Executivo, a partir de resolução do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA), o SINASE regula o processo de apuração de ato infracional e execução de medidas destinadas aos adolescentes em conflito com a lei (BRASIL, 2012). O Programa de Execução de Medidas Socioeducativas e Semiliberdade (PEMSEIS) consiste na sistematização das orientações técnicas e diretrizes balizadoras da intervenção institucional no atendimento ao adolescente privado ou restrito de liberdade no Rio Grande do Sul (BRASIL, 2014).

A execução das medidas socioeducativas inclui a construção do Plano Individual de Atendimento (PIA), que se apresenta como um importante instrumento de avaliação nos procedimentos para o cumprimento da medida socioeducativa, contendo a previsão, o registro e a administração das atividades desenvolvidas com o socioeducando. O PIA deverá contemplar os seguintes aspectos: Educação Formal; Profissionalização; Abordagem Familiar e Comunitária; Cultura, Lazer, Esporte e Espiritualidade; Saúde; e atendimento jurídico. Nesse planejamento, a educação será eficaz na medida em que reconhece e respeita os limites e exercita as possibilidades. Desse modo, as ações pedagógicas devem estar integradas e contextualizadas com a realidade vivenciada pelo adolescente/jovem adulto, possibilitando, com isso, a reflexão sobre a sua condição de sujeito e visando alternativas nesse processo de reinserção social.

As diretrizes educacionais orientadoras das medidas socioeducativas devem estar apoiadas em informações do histórico e do contexto familiar do adolescente, incluindo as circunstâncias da prática do ato infracional. A prática educativa deve projetar uma nova condição para o socioeducando a partir de suas aptidões, habilidades, interesses, motivações, características pessoais e condições para superação das suas dificuldades. Esses aspectos estão em sintonia com o artigo 94, do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), que normatiza o funcionamento das entidades de internação e estabelece a necessidade do atendimento personalizado, em pequenas unidades e grupos reduzidos.

O ECA estabelece, no artigo 112, a adoção de outras cinco medidas, além do regime fechado, que devem ser aplicadas de acordo com a gravidade da infração praticada: advertência, obrigação de reparar o dano, prestação de serviços à comunidade, liberdade assistida e semiliberdade (BRASIL, 1990). Em sintonia com os objetivos dessa pesquisa, passou-se a discorrer sobre a internação, que constitui a medida privativa da liberdade, sujeita aos princípios que regem o atendimento socioeducativo, estabelecidos e normatizados pela legislação socioeducativa.

Segundo o Programa de Execução de Medidas Socioeducativas e Semiliberdade (PEMSEIS), a medida de internação retira o adolescente autor de ato infracional do convívio com a sociedade. Em contrapartida, a internação também possui o condão pedagógico, visando à reinserção do socioeducando autor de ato infracional ao meio familiar e comunitário, bem como o seu aprimoramento profissional e intelectual. Existem dois tipos de internação no regime fechado: Internação Sem Possibilidades de Atividades Externas (ISPAE) e Internação Com Possibilidade de Atividade Externa (ICPAE). Quando aplicada a medida socioeducativa ISPAE em sentença condenatória, deverá vir à expressa vedação à realização de atividades externas. Os adolescentes realizarão suas atividades dentro do espaço físico das unidades, bem como, escolarização, profissionalização, atendimentos individuais, atendimentos em grupos e oficinas.

A ICPAE proporciona uma preparação do socioeducando para o reingresso na sociedade, no qual o jovem irá vivenciar a proposta de atendimento com acompanhamento de todos os profissionais da unidade. A família e/ou fa-

mília extensa e a rede de atendimento são partes integrantes desse processo, auxiliando e se comprometendo no desenvolvimento da medida, atuando de forma integrada com a equipe de profissionais da unidade.

Em sintonia com o disposto no ECA (BRASIL, 1990), o histórico do jovem encaminhado para medida socioeducativa em regime fechado, em razão de sua conduta, é composto por sucessivas omissões da sociedade, do Estado, dos pais ou responsáveis. Nesse histórico, é relevante avaliar a função da escola, que é uma das instituições sociais de grande relevância para a concretização dos objetivos da socioeducação. Entre as diversas formas de compreender o comportamento violento e infracional, se inclui o contexto de vida e os modos de subjetivar o mesmo. Nesse modo de compreender, se faz necessário construir meios para que o jovem se aproprie dos conhecimentos, fazendo com que a escola se constitua como uma das instituições responsáveis pelo processo de humanização dos sujeitos ao socializar os conhecimentos produzidos pelos homens (SAVIANI, 2008). Contudo, a educação de caráter socioeducativo deve ressocializar o jovem que, por razões diversas, está em confronto com a lei, garantindo o atendimento aos seus direitos fundamentais e buscando não repetir a prática de atos infracionais (COSTA, 2006). Desse modo, os atos infracionais não devem ser compreendidos apenas com atos individuais, mas que tem relações e possibilidades de alteração positiva, com a construção relações orientadas por valores pacíficos entre os sujeitos sociais.

A educação durante a fase de privação da liberdade tem o objetivo de atuar de maneira auxiliar, na mudança de situação de vulnerabilidade dos internos, possibilitando um conhecimento dos procedimentos de socialização e fazendo com que esses jovens consigam perceber essa socialização como um meio de modificar sua realidade (GONZALEZ, 2006). Compete ao Estado por meio das Secretarias Estaduais da Educação a oferta de Educação Básica que compreende o Ensino Fundamental – séries iniciais e finais e Ensino Médio aos jovens autores de ato infracional. As instalações da escola devem estar integradas ao espaço das unidades de internação e seu funcionamento acontecerá nos turnos da manhã, tarde e vespertino, com turmas distintas e grupos pequenos, buscando-se não exceder a dez socioeducandos, para possibilitar o atendimento de todos os jovens em cumprimento de medida socioeducativa, contemplando tanto os aspectos pedagógicos quanto os de segurança. A carga horária do ano letivo, prevista em legislação específica, corresponde a 800 (oitocentas) horas e 200 (duzentos) dias letivos, com no mínimo 4 (quatro) horas diárias de aula, distribuídos, por competência, pela Escola, contemplando as condições que garantam a execução.

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, exploratório e descritivo, teve por objetivo compreender as percepções de jovens que cumpriram medidas socioeducativas, em privação de liberdade, sobre a escola. Para isso será realizado um resgate de suas vivências, relatando suas percepções antes e após sua internação.

2 Método

A pesquisa de caráter qualitativo e exploratório e descritivo é uma estratégia de investigação que busca um aprofundamento e aproximação com o tema e o problema a ser investigado, a partir das particularidades e experiências individuais. Trata-se de um método que envolve a coleta de informações descritivas, obtidas no contato direto do pesquisador com a situação estudada, ressaltando mais o processo do que o produto (BOGDAN; BIKLEN, 1982).

Participaram da pesquisa três jovens do sexo masculino, entre 24 e 27 anos, que cumpriram medidas socioeducativas no regime fechado/privação de liberdade e que, no momento da coleta de dados estavam em liberdade. Os participantes foram selecionados por conveniência, a partir da rede de contato dos pesquisadores. Após o primeiro participante, utilizou-se o método *snowball*, no qual o primeiro indicou um segundo e assim sucessivamente. No que diz respeito à escolaridade, no momento da coleta de dados, um dos jovens possuía ensino médio completo, outro estava finalizando o ensino médio e o terceiro participante parou no sexto ano do ensino fundamental, estando fora da escola. Nenhum dos participantes trabalha de carteira assinada; dois deles participam de um projeto social com um juiz da cidade e recebem pagamentos pelos shows e apresentações que realizam, o terceiro trabalha produzindo músicas na cidade. O critério de inclusão para obter a amostra da pesquisa foi de jovens acima de 18 anos que já cumpriram medidas socioeducativas no regime fechado e estudaram durante este período. Já os critérios de exclusão para esta pesquisa foram jovens que cumpriram medidas socioeducativas sem privação de liberdade.

Para obter as percepções dos jovens quanto à escola e socioeducação, foi utilizado, como instrumento de coleta de dados, uma entrevista semiestruturada que continha questões sobre a escola, relações interpessoais e socioeducação. A principal característica da entrevista semiestruturada é a utilização de um roteiro previamente elaborado. Apesar de o entrevistador poder ter as perguntas previamente preparadas, a maioria das perguntas surge à medida que a entrevista vai decorrendo, permitindo a flexibilidade para aprofundar ou confirmar, se necessário. A entrevista semiestruturada é o fenômeno que permite abordarmos os eventos ocorridos na realidade da teoria existente sobre o tema analisado (MINAYO, 1996).

O presente estudo integra um projeto maior intitulado “Políticas Públicas de Segurança: Intervenções da Psicologia na Sócio Educação”, o qual foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da instituição do qual os autores fazem parte. Com a aprovação, a amostra foi obtida por conveniência, sendo realizado um convite para explicar o objetivo da pesquisa e esclarecer as questões éticas do estudo, deixando a livre escolha para quem desejasse participar, sendo que três jovens aceitaram participar e assim foi constituída a amostra da pesquisa. No momento da entrevista, que durou cerca de 30 minutos para cada

participante, foi apresentado e lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, explicando a importância do termo e o sigilo da pesquisa. A entrevista foi realizada de forma individual, com perguntas previamente estabelecidas, que foram aprofundadas quando necessário para coleta de informações. A entrevista semiestruturada foi gravada para melhor obtenção e recuperação das informações. A gravação foi transcrita na íntegra para categorização e análise das informações. Durante a transcrição das informações, foram dados nomes fictícios aos participantes para preservar suas identidades. Após a coleta de informações, as entrevistas transcritas foram submetidas a Análise de Conteúdo Categorical (BARDIN, 2009) a qual consiste em três etapas principais: 1) pré-análise, 2) exploração do material, 3) tratamento, inferência e interpretação dos resultados. No caso da pré-análise há a leitura de todo o material escolhido para análise. Nessa etapa há a organização geral do material a ser utilizado, selecionando e organizando o *corpus*. Na segunda fase, da exploração do material, o pesquisador irá construir operações de significações, ou seja, começar a organizar em categorias as informações (entrevistas, documentos e observações) que possui, a partir de palavras chaves (categorias primárias), frases (categorias intermediárias) e parágrafos (categorias finais), todas elas organizadas tematicamente e seguindo princípios como, exclusão mútua, homogeneidade, pertinência na mensagem transmitida, fertilidade e objetividade. Na terceira e última fase, da interpretação, o pesquisador buscará significações manifestas e latentes contidas no material (entrevistas, documentos e observações) em respaldo ao referencial teórico (SILVA e FOSSÁ, 2017).

3 Resultados e discussão

Para melhor compreensão, a análise das informações foi dividida em três categorias indutivas, ou seja, que derivaram do conteúdo das entrevistas: (a) Percepção do jovem sobre a escola antes da medida socioeducativa, (b) Como o jovem percebe a escola durante a medida socioeducativa e, por fim, (c) A escola na socioeducação. Cada categoria corresponde a um objetivo específico desta pesquisa, conforme tabelas abaixo.

PERCEPÇÕES DE JOVENS QUE CUMPRIRAM MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS
EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE SOBRE A ESCOLA

Tabela 1 - Percepção do jovem sobre a escola regular antes da medida socioeducativa

Questões	Excertos
O que a escola significa para você?	<p><i>Olha, tranquilo olha eu estudava no Fagundes nunca tive problema nenhum, nunca tive, nunca rodei no caso também só parei de estudar numa fase da minha vida né, mas minha situação sempre foi tranquila, sempre me dei bem com eles [escola] (Eduardo).</i></p> <p><i>Cara, eu sempre fui um cara bem querido na escola antes de eu ir pro Case na escola onde eu estudava. Eu sempre fui bem, eu sempre tive uma atenção em cima de mim que eu acho até eu não merecia ter, mas hoje eu sendo velho e tendo experiência eu vejo que aquilo ali foi tipo um esforço dos professores em mim (Pedro).</i></p> <p><i>Quando eu tava lá cara, bom, por causa da maioria da gurizada que não prestava atenção nos conteúdos, nas matérias da professora né, eu acabei evoluindo de série né, até a 6ª, porque eu era o piá mais comportado que tinha né, eu acho que a gurizada não prestava atenção, era bom, tinha professores qualificados mas a gurizada que não dava bola (Paulo).</i></p>
Como era a relação com professores, diretores, funcionários e colegas antes da internação?	<p><i>...sempre fui um aluno bem rebelde sabe, sempre fui aquele aluno incomodativo mesmo sabe, que além de não se esforçar acabava atrapalhando os outros alunos, mas sempre tive um carinho especial dos professores sabe, e alguns me encontram hoje na rua e eu agradeço assim de uma forma que até me arrependo, me arrependo de muita coisa assim do tempo que eu estudava, porque eu era muito rebelde, usava drogas antes de ir pra aula, as vezes gazeava para ir usar drogas e vinha um insistência dos professores quanto a mim e meu aprendizado que eu tinha potencial, as vezes eles acreditavam mais em mim do que eu mesmo entendeu (Pedro).</i></p> <p><i>Bah, eu tinha notas boas, sempre ia no colégio, tinha frequência e presença dentro do colégio, me dava bem com a diretora, com a merendeira, com todo mundo, pra mim era excelente (Paulo).</i></p>

As declarações dos participantes sinalizam a consciência a respeito da conexão entre a construção dos valores morais e a escola. No entanto indicam, também, a falta de sintonia, os conflitos e a condição incomodativa na relação entre educando e escola. Em sintonia com esse indicativo, cabem os questionamentos sobre como a escola poderia deixar de ser desinteressante, incomodativa e se tornar atrativa para o jovem nos dias atuais? De que forma o jovem percebe a escola? São questões que a escola e a sociedade em geral precisam repensar, pois:

[...] não se dá conta que as expectativas dos jovens com relação à vida e ao futuro não são mais as mesmas que aqueles que os seus principais representantes – os pais e professores – acreditam ser importantes para a participação em sociedade. Torna-se necessário, então, levar em conta diferentes formas de oferecer aos jovens as possibilidades de compartilhar contextos que dialoguem com suas expectativas e interesses (MARTINS e CARRANO, 2011, p.54).

A resposta de Pedro vai ao encontro de Santos, Amorim e Alberto (2017) que analisam as implicações da violência institucional na subjetividade de adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas (MSE) em meio aberto, demonstrando a falta de sintonia entre o que é ofertado pela escola e a expectativa do educando. Nesse contexto, a educação escolar deve ser ressignificada para que o educando compreenda a mesma como algo com sentido benéfico para si mesmo. Para tanto, o descompasso decorrente da desconexão

entre as necessidades singulares e o funcionamento padronizado das instituições educacionais devem ser alterados. Em sintonia com o Programa de Execução de Medidas Socioeducativas e Semiliberdade (PEMSEIS), no cumprimento da execução da medida socioeducativa de internação, deve ser garantido, na programação das atividades escolares, um espaço para acompanhamento sistemático das tarefas, onde os socioeducandos possam ser auxiliados caso apresentem dificuldades, objetivando a autonomia e a responsabilidade. Sabendo que a escola na unidade de internação é impositiva, pois o jovem tem que frequentar sem a possibilidade de se ausentar-se, poder-se-ia concluir que esses jovens não gostariam de participar das aulas, entretanto quando questionados sobre estudar enquanto privados de liberdade, as respostas foram que a escola era uma espécie de fuga e a sensação de liberdade era muito boa.

Na análise da descrição desse comportamento, é de grande relevância o entendimento da fase da adolescência, expondo aspectos específicos da mesma, mas também englobando aspectos de caráter individual, como por exemplo, o contexto ao qual o sujeito está inserido, sua situação econômica, social, afetiva e familiar, para que se obtenha uma definição mais ampla e não limitada de sua realidade (FORESTI, 2017). Em sintonia com a fala de Pedro no segundo excerto, é visível o sentimento por parte do entrevistado que a adolescência, para ele, foi uma fase contraditória, duvidosa, ambivalente, marcada por conflitos familiares e sociais.

Na Tabela 2, foram apresentados excertos da entrevista relacionados à percepção do jovem sobre a escola durante a medida socioeducativa. Como o jovem aceita a escola na socioeducação? Pois ela lhe é oferecida de maneira imposta, e como ele recebe essa imposição? A medida socioeducativa tem conteúdo pedagógico, mas sua natureza é sancionatória, ou seja, é uma medida imposta, coercitiva quanto ao ato ilegal praticado e decorre de uma decisão judicial e, deve ser aplicada e cumprida com o estrito respeito às leis (RIBEIRO e VELTEN, 2016).

PERCEPÇÕES DE JOVENS QUE CUMPRIRAM MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS
EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE SOBRE A ESCOLA

Tabela 2 - Como o jovem percebe a escola durante a medida socioeducativa

Questões	Excertos
Comente sua experiência na escola durante a internação	<p><i>Comecei a desenvolver o ego né, que é a consciência né, dos seus atos que se eu aprontar de novo eu serei preso e é isso né, daí eu acabei desenvolvendo isso e acabei vendo que não é isso que eu quero pra minha vida daí (Eduardo).</i></p> <p><i>....quando eu fui internado não tinha nenhum aluno em uma série tão avançada quanto eu, acho que o cara que tava mais avançado tava na 8ª série e tal, dada esta ocasião eu acabei não estudando na escola do Case, porque, porque pra eles acho que não compensaria dar aula apenas pra mim né, tipo os professores lá se dedicarem só pra mim ou em contra partida me colocar em uma turma de 8ª ou 6ª série entendeu, só pra mim acompanhar a aula, então eu consegui uma liberação judicial pra sair do Case toda manhã e ir pra escola onde eu tava estudando pra acabar o ano letivo e voltar para o Case após a aula, foi assim que me formei (Pedro).</i></p> <p><i>....Fiquei os seis meses na escola do case, do começo ao fim. Então eu achei que foi boa, como eu disse antes, os professores são bem capacitados, um pouco era de nós, por falta de atenção da gente que não queria prestar atenção no conteúdo que os professores tavam mandando né piá véio. E eu acho muito bacana a atitude deles mesmo quando a gurizada não presta atenção os professores sempre tavam focados em ensinar né (Paulo).</i></p>
Houve alguma mudança em seu comportamento escolar após a internação?	<p><i>Sim, mas olha, em questão assim eu acho que eu, não mudou muita coisa porque eu sempre me empenhei na escola né, daí mas agora ultimamente, daí eu vi que teria que acabar, fazer um curso superior né, mas né lembrei um pouco de lá mas foi na verdade um incentivo, na verdade quando eu cai lá acabei vendo que assim não queria aquilo pra minha vida né, daí até não acabei de estudar logo né, daí agora já tô né (Eduardo).</i></p> <p><i>A sensação que eu tive era de ter perdido a minha liberdade, e ta trabalhando numa jaula, parecia que eu tava trancafiado, parecia que eu era um leão preso, mas com o tempo a gente percebe que errou né, e a sensação ali, bom, ali depois do terceiro mês tu pega e já esquece do mundo lá de fora e acaba se habituando a galera ali de dentro, com os monitores, os professores da escola, até mesmo com os guardas, eu tive amizade com os guardas, com os médicos (Paulo).</i></p> <p><i>E neste período eu vou te falar que eu realmente comecei a focar nos estudos cara, ta ligado, que eu dei valor para os estudos, que eu via que no estudo estava me proporcionando poder sair do Case e vir aqui na aula, poder ver meus amigos, meus amigos iam na escola me ver entendeu, meus parentes iam, todo mundo ia lá entendeu (Pedro).</i></p>
Como você percebe o empenho dos alunos do regime fechado?	<p><i>Na verdade assim os meus colegas de lá não davam muita bola para estudar, e eu já estava mais na frente na questão que eu estudava na escola regular era um colégio mais rigoroso né, daí foi tranquilo lá tipo eu achava que o cara estudava bem pouco, na verdade era só umas horinhas né (Eduardo).</i></p>
Qual a percepção de estudar estando internado no CASE	<p><i>...tem muita importância ali fazer e tal. Ali na escola do Case falta um pouco da gurizada prestar atenção né (Paulo).</i></p> <p><i>Liberdade momentânea nem que fosse entendeu. E neste período eu vou te falar que eu realmente comecei a focar nos estudos cara, ta ligado, que eu dei valor para os estudos, que eu via que no estudo estava me proporcionando poder sair do Case (Pedro).</i></p> <p><i>...pra mim era uma liberdade, por que daí o cara tinha que ficar na cela né, daí no caso tu vai pra escola pelo menos tu tá buscando alguma coisa pra livrar a tua cabeça, então eu acho com certeza que a educação faz muito bem pra quem está no regime fechado, que é um meio que fugi de lá né (Eduardo).</i></p>

Eduardo comenta sobre sua experiência na escola durante a internação: *Comecei a desenvolver o ego né, que é a consciência né, dos seus atos...* Cabe aqui a afirmação de que o desenvolvimento humano pode ser dividido em estágios, no último estágio (doze anos em diante) é possível observar a criação de hipóteses, ou seja, o adolescente reflete sobre seu próprio pensamento ao invés de fantasiar para solucionar problemas (PIAGET, 1998). E isso fica claro quando perguntado, se houve alguma mudança em seu comportamento escolar após a internação, ao informar as relações entre os atos no presente e suas expectativas quanto ao futuro. A relevância desse conteúdo educacional, que envolve as hipóteses de futuro, está em sintonia com pesquisas realizadas nessa década, indicando que o mesmo se apresenta como importante fator de proteção ao desenvolvimento saudável (ZAPPE et al., 2013).

Os entrevistados também relataram que os professores, na maioria das vezes, tentavam ajudar, falando sobre a importância dos estudos. Ao atribuir valor para a instituição escolar os professores podem abrir campos ao entendimento adotando a investigação e a escuta como ferramentas para a compreensão das identidades e comportamentos de seus jovens alunos (MARTINS e CARRANO, 2011). No entanto, quando perguntado a respeito do empenho dos alunos do regime fechado, Eduardo respondeu que *na verdade assim os meus colegas de lá não davam muita bola para estudar...* Tal afirmação corrobora as autoras Coelho e Pisoni (2012) que dizem que o fato de um estudante estar dentro da sala de aula de uma escola, não significa garantia de aprendizado. Isso dependerá de todo o contexto social e dos métodos de ensino. Para os três jovens entrevistados, estudar enquanto internado para o cumprimento de medida socioeducativa, tem muita importância para a ressocialização dos internos de forma saudável e positiva.

Pode-se perceber que os jovens entrevistados possuem uma significação a respeito da escola/estudos que antes da internação não possuíam, se anteriormente os estudos/escola eram "de pouca relevância" na vida deles, após o período de internação os mesmos buscaram voltar a estudar e tentar cursos técnicos, ressignificando a escola como um período na vida que é fundamental à formação humana e profissional. Todos possuem um sentimento de "desperdício" em relação ao período vivenciado por eles na escola e relatam que deveriam ter aproveitado mais a escola *"estudar o máximo possível algo que goste"*, para que atualmente possuam *"um trabalho melhor e um futuro"*. Nos relatos abaixo, a busca pelos estudos, a mudança de comportamento frente ao futuro, a si mesmos e aos outros, fortalecem de forma positiva os vínculos em relação à escolarização e à autoestima dos mesmos, pois buscam multiplicar para os demais "piás" (meninos) a importância de estudar, de ter a autonomia (com responsabilidade) nas decisões, independente das dificuldades e desvantagens que passaram.

Tabela 3 - A Escola após o cumprimento das medidas socioeducativas

Questões	Excertos
Após o período de internação você continuou estudando?	<p><i>Depois que me formei no Ensino Médio eu comecei um ensino técnico viu, curso técnico em Edificações, era um curso que levaria dois anos pra me formar mas eu acabei parando, desistindo né. Eu fui um ano, um ano e meio, um pouco eu fui desmotivado porque reprovei demais né, na matemática, português e matemática na verdade, as outras matérias eu ia bem, sempre tinha aprovação e passava, um pouco me frustrei porque rodei três vezes na mesma matéria, eu me senti incapaz, me senti triste, optei até por trancar o curso (Pedro).</i></p> <p><i>Pensei, mas não retornei assim devido ao fato de precisar de emprego sabe. Até que sobra tempo sabe pra estudar de noite agora, porque antigamente eu vinha de madrugada, onze horas, dez horas pra casa não dava tempo nem pra estudar (Paulo).</i></p> <p><i>Eu continuei, daí fiquei mais um ano, daí parei, daí retornei agora faz um ano e meio, daí agora estou concluindo o ensino médio (Eduardo).</i></p>
Qual significado da escola na sua vida?	<p><i>Começa lá na escola né, começa lá desde pequenininho, então se tu tem um aprendizado precário, deficiente, tu já chega na faculdade com desvantagem pra competir com pessoas que estudaram em uma escola particular, aprenderam mais, aprenderam melhor, mas resumindo acho que isto aí, escola é vida, escola é uma fase da nossa vida que eu acho que é uma das fases mais importantes, senão é a mais importante, a fase da formação da pessoa né, a escola (Pedro).</i></p> <p><i>Bah cara, eu me lembro de amizades, acho que a palavra mais correta é amizade, tu ia no colégio mais por causa das amizades mesmo (Paulo).</i></p>
Qual conselho seria dado a ele mesmo com dez anos de idade	<p><i>..eu ia falar pro Pedro estudar, se esforçar entendeu, poder aprender, que se ele continuasse daquele jeito o futuro dele não ia ser legal entendeu, hoje em dia eu não reclamo da vida que eu tenho, mas eu tenho certeza que eu podia estar melhor entendeu, tenho certeza que eu podia estar quem sabe com uma profissão melhor que a profissão que eu tenho, eu ia falar pra mim valorizar mais entendeu, pra mim me comportar, pra respeitar professores, respeitar pai e mãe, valorizar a escola, não só o momento de estar lá, mas o próprio espaço público né, o espaço físico da escola que as vezes eu acabei até depredando entendeu, por ser um aluno rebelde (Pedro).</i></p> <p><i>Aproveitar enquanto é novo, que é mais fácil estudar enquanto só precisa estudar, e estudar o máximo possível estudar alguma coisa que tu goste pra buscar alguma profissão que você vai gostar né (Eduardo).</i></p> <p><i>Eu acho que o conselho bom que eu dou pra mim mesmo é esse aí, tentar ser a mesma pessoa que eu sempre fui, tentar passar um pouco de amor, um pouco de esperança pros piá né, e é isso, eu ser a mesma pessoa que eu sempre fui (Paulo).</i></p>

A metodologia da escolarização disponibilizada durante a internação foi construída por meio de estudos realizados entre a Fundação de Atendimento Socioeducativo (FASE) e a Secretaria da Educação, cabendo ao Técnico em Educação/Pedagogo mediar à sintonia entre a escola e o projeto pedagógico do programa de internação. A partir do relato e do estudo dos casos que compõem esta pesquisa, pode ser afirmado que os responsáveis pelos gerenciamentos dos objetivos pedagógicos desenvolvidos na instituição de internação foram satisfatoriamente atingidos, para os sujeitos participantes da pesquisa. Essa constatação se evidencia em momentos da entrevista, como por exemplo, quando Pedro foi questionado, se após o período de internação, continuou estudando e sua resposta foi a seguinte: *Depois que me formei no Ensino Médio eu comecei um ensino técnico viu, curso técnico em Edifica-*

ções.... No entanto, o número de jovens submetidos a medidas de internação socioeducativas, bem como os índices de reincidência e de progressão para o sistema prisional, indicam que a escola deve ser ressignificada, para que esses índices diminuam.

Em sintonia com Alarcão (2001), a ressignificação da escola passa por uma mudança paradigmática na educação, sendo necessário refletir para quem é o ensino, com diálogos sobre os problemas e frustrações, sucessos e fracassos, com reflexão, pensamentos sobre si próprio e sobre o outro. Pois, se não conseguir lidar com a frustração, o jovem pode desistir de seus objetivos. Do mesmo modo, Coelho e Pisoni (2012) afirmam ser um equívoco compreender a educação como algo sem reflexos na vida cotidiana. Para que aconteça uma educação de fato é necessário que a mesma seja transformadora, no sentido de gerar o respeito pela diferença, não homogeneizando e padronizando a todos.

Considerando as respostas das entrevistas, é possível perceber que todos os entrevistados relataram acreditar que a escola é importante, pois consideram ser o local para a formação de caráter. Esse processo percebe-se na resposta de Pedro: *“começa lá na escola né, começa lá desde pequenininho, então se tu tem um aprendizado precário, deficiente, tu já chega na faculdade com desvantagem pra competir com pessoas que estudaram em uma escola particular...”*.

Quanto à pergunta sobre qual conselho fariam para eles mesmos com 10 anos de idade, dois entrevistados ressaltaram que iriam falar para estudar, que a escola tem muito valor e importância, pois é um espaço onde eles conseguem sentir um pouco de liberdade, e compreendem ser importante para seu futuro após a internação. Porém Paulo, que concluiu a 6ª série no Case e não continuou estudando após a internação, a resposta foi a seguinte: *“Eu acho que o conselho bom que eu dou pra mim mesmo é esse aí, tentar ser a mesma pessoa que eu sempre fui, tentar passar um pouco de amor, um pouco de esperança pros piá né, e é isso, eu ser a mesma pessoa que eu sempre fui”*. Paulo não citou em nenhum momento a escola como essencial nesse conselho para si mesmo.

Os exercícios de reconstrução das percepções dos jovens com episódios de conflito com a lei demonstram a pluralidade, a complexidade e a impossibilidade de homogeneizar ou padronizar os sentidos (KUJAWA, 2009). As informações que reconhecem as singularidades, são de grande relevância para orientar as práticas do conjunto dos profissionais que atuam nas políticas públicas que envolvem os adolescentes. A prática desses profissionais, que atuam em instituições encarregadas da educação, da saúde, da assistência social e da segurança devem ser constantemente ressignificadas. Desse modo, com construções e reconstruções de sentidos, a partir de canais efetivos de diálogos, entre os diversos sujeitos individuais e institucionais que constituem a vida em sociedade, pode-se apostar em modos de desenvolvimento social com mais saúde e mais segurança.

7 Considerações finais

Após o período de internação, dois participantes continuaram estudando. No momento da pesquisa um havia concluído o ensino médio, outro estava cursando o último ano do ensino médio e apenas um parou de estudar, no sexto ano do ensino fundamental. Os participantes relatam a importância da escola para uma vida distante do conflito com a lei. Conforme os autores Martins e Carrano (2008), por meio da elaboração de linguagens em comum, a escola pode recuperar seu prestígio entre os jovens, bem como o prazer deles estarem em um lugar que podem chamar de seu na medida em que são reconhecidos como sujeitos produtores de cultura.

A escola na socioeducação, a partir da visão dos três jovens que participaram desta pesquisa, tem alcançado seu objetivo quando consegue fazer com que o jovem possa refletir e almejar um futuro diferente do presente que lhe trouxe até a internação. Quando o jovem começa a pensar sobre seus atos e enxerga na escola uma forma de desenvolvimento saudável como ser humano, já se pode considerar um avanço e ganho significativos.

Esta pesquisa espera inspirar mais estudos acerca deste tema, nesta época tão conturbada, onde o senso comum grita por diminuição da maioria penal e construção de mais cadeias para estancar a consequência de um problema social. Estudos podem dar voz aos jovens que cumprem as diversas medidas socioeducativas, analisando suas percepções sobre a escola, família e sociedade como um todo.

Referências

- ALARCÃO, I. **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2001.
- BAQUERO, R. V. A., SANTOS, E. A. dos, & SANTOS, K. dos. **Socioeducar a escola: Desafio à educação de jovens e adultos**. VII Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul (ANPEDSUL), 2008. Disponível em: <http://forumeja.org.br/sc/files/Socioeducar%20a%20escola.pdf>
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, PT: Edições 70, 2009.
- BOGDAN, R., & BIKLEN, S. K. **Qualitative Research for Education**. Boston: Allyn and Bacon, 1982.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA**. Lei Federal nº 8.069, 1990.
- BRASIL. **Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE**. Lei Federal nº 12.594, 2012.
- BRASIL. **Programa de Execução de Medidas Socioeducativas de Internação e Semiliberdade - PEMSEIS**, 2014.
- COELHO, L., & PISONI, S. **Vygotsky: sua teoria e a influência na educação**. Revista e-Ped, 2(1), 144-152, 2012.
- COSTA, A. C. G. da. (2006). **As bases éticas da ação socioeducativa: referenciais normativos e princípios norteadores**. Brasília: SEDH, 2006.
- FORESTI, T. Entre Páginas viradas: quem é o adolescente em conflito com a lei? In: BAUMKARTEN S. T. **Adolescente em conflito com a lei: em busca de soluções**. Curitiba: CRV, 2017, cap. 3, p. 77–103.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento das prisões**. Tradução de Ligia M. Pondé Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1991.

- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Planaltos – Capitalismo e Esquizofrenia**. Tradução de Suely Rolink. Editora 34 Ltda. 1997.
- GONZALEZ, A. B. **Experiências socioeducativas bem-sucedidas: subsídios para a discussão de políticas públicas nas unidades de internação socioeducativas (UISE)**. In: ILANUD et al. (Orgs.). *Justiça, adolescente e ato infracional*. São Paulo: ILANUD, 2006.
- KUJAWA, I. **Considerações sobre o conceito de significação**. *Revista de Psicologia da IMED*, 1(1), 103-113, 2009.
- KUJAWA, I. **Segurança pública e psicologia: bases epistemológicas para um inversão epistemológica da intervenção**. Curitiba, CRV editora, 2016.
- MARTINS, C. H. dos S., & CARRANO, P. C. R. **A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar**. *Educação*, Santa Maria, v. 36, n. 1, p. 43-56, jan./abr, 2011.
- MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde, (3.ed.)**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- PATIAS, N. D., SIQUEIRA, A. C., & DIAS, A. C. G. **Práticas educativas e intervenção com pais: a educação como proteção ao desenvolvimento dos filhos**. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, v.21, n.1, Jan-Jun 2013, p. 29-40.
- PIAGET, J. **Para onde vai a educação, (14ª ed.)** (I. Braga Trad.). Rio de Janeiro, RJ: José Olympica, 1998.
- RANIERE, E. **A invenção das medidas socioeducativas** (Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul), 2014. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br>
- RIBEIRO, A. P., & VELTEN, P. **A educação na socioeducação**. *Revista A Barriguda*, v.6, n.3, Set-Dez 2016, p. 655-670. Campina Grande, PB.
- SANTOS, C. R., AMORIM, T. R.A. & ALBERTO, M. F. P. **Adolescência e Ato Infracional: Violência Institucional e Subjetividade em Foco**. *Ciência e Profissão Jul/Set*. v. 37 nº3, 579-594, 2017.
- SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas: Autores Associados, 2008.
- SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. **Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos**. *Dados em Big Data*, v. 1, n. 1, p. 23-42, 2017.
- ZAPPE, J.G.; MOURA, J. F.; DELL'AGLIO, D. D.& SARRIERA, J.C. **Expectativas quanto ao futuro de adolescentes em diferentes contextos**. *Acta Colombiana de Psicología* 16 (1): 91-100, 2013.